

As trincheiras da fala: discurso de ódio no Facebook

The trenches of speech: hate speech on Facebook

Carlos Jordan Lapa ALVES¹
Tatiana Vantilio PAULO²

Resumo

Tendo-se em vista a crescente popularização das redes de relacionamento virtual, como o *Facebook*, e a facilidade de divulgação de conteúdos forjados através de um discurso de ódio nesses meios, objetiva-se neste estudo, uma análise das publicações da página “Orgulho de Ser Hetero”, cujo objetivo é de reafirmação e imposição do padrão de uma sociedade baseada na heteronormatividade, em que homossexuais e mulheres têm papéis definidos às margens da sociedade. Este estudo possibilitou verificar que a propagação desses discursos ultrapassa os limites das telas dos computadores, se materializando em agressões físicas e/ou simbólicas.

Palavras-chave: Homofobia. Machismo. Orgulho de Ser Hetero.

Abstract

Keeping in view the growing popularity of virtual social networks like Facebook and the ease of disclosure of contents forged through of a hate speech in the media, the objective of this study, is the analysis of the publications of page " Orgulho de Ser Hetero", whose objective is of reaffirmation and imposition of standard of a society based on heteronormativity, wherein homosexuals and women have roles defined on the margins of society. This study enabled us to verify that the spread of these discourses exceed the limits of computer screens materializing in physical attacks or through the symbolic violence.

Keywords: Homophobia. Chauvinism. Orgulho de Ser hetero.

¹ Mestrando em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense. Graduado em História. Email: jordan.alves@hotmail.com

² Mestranda em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense. Graduada em Psicologia. Email: tatiana.vantilio@gmail.com

Introdução

O crescimento do uso do Facebook no Brasil, nos últimos anos, trouxe novos aspectos e problemáticas para os processos de comunicação e para os discursos que precisam e clamam por serem analisados. Esses novos contextos permitem, também, que novas e antigas práticas sociais se fortaleçam e se popularizem nas redes sociais. Este estudo busca analisar uma dessas práticas: o uso do Facebook como ferramenta do discurso de ódio e da prática da violência real ou simbólica contra grupos socialmente marginalizados. De modo que, o discurso reproduzido é capaz de perpetuar o estigma social através dos ambientes virtuais. Para concretizar esta discussão, escolhemos como objeto de estudo uma página do *Facebook* de conteúdo “humorístico-satírico” bastante popular entre homens heterossexuais, brancos, cristãos e conservadores: *Orgulho de Ser hetero*. A principal hipótese que guia o estudo apresentado é de que as postagens da *fanpage* promovem a violência simbólica nas redes sociais através do discurso de ódio, outrora, podem se transformar em violências físicas.

A pesquisa desenvolvida segue o conceito do estudo exploratório através de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2008, p. 54) “é um estudo desenvolvido a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”.

Entretanto, para analisar as postagens selecionadas foram utilizados os postulados da Análise de Discurso (AD) de vertente francesa, uma vez que, segundo Gregolin (2003), a AD toma para si, como objeto de estudo, o discurso no qual a língua, o sujeito e a história são interpelados pela ideologia no tempo e no espaço do enunciado. Desta forma, a Análise de Discurso é um campo de enfrentamento teórico, lutas de pensamentos e pensadores, entremeio de teorias e correntes filosóficas, é onde nada está posto como fixo, onde as palavras escondem as verdades e as mentiras sopitadas pelo poder (ORLANDI, 1999; BRANDÃO, 1986).

Desenvolvimento

De acordo com Hall (2006), vivenciamos uma dissolução das identidades no contexto da pós-modernidade – o expressivo aumento das relações comunicacionais promovida pelas novas tecnologias e pela globalização originam elementos mais do que

determinantes na constituição das identidades provisórias e variáveis, quando comparada com outras identidades de épocas passadas. Entretanto, não se trata apenas de entender como as identidades se transformam ou se tornam líquidas (BAUMAN, 2005), mas como o poder atua para que essas identidades se manifestem e se construam. Bauman (2005) qualifica determinados acontecimentos no mundo contemporâneo como formas líquidas e sua teoria arrazoada-se sobre a dissolução dos laços sociais e das identidades, haja vista que, se tornaram móveis e mutáveis, contrariando, portanto, as formas sólidas e fixas do passado. Nas palavras de Louro (2015, p. 11-12):

As identidades (...) são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (...) Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, (...) de (...) caráter fragmentado, instável, histórico e plural.

Em consonância com diversos trabalhos publicados sobre identidade nos últimos anos, consideramos que o indivíduo não nasce dotado de habilidades ou personalidades, mas que ao longo da vida e em convívio social as identidades são construídas em um processo social, histórico e cultural de forma gradual e contínua (HALL, 2006). Os indivíduos constituídos sócio-historicamente compartilham valores, identidades e discursos que os caracterizam como grupos sociais, sendo os mesmos produtos do funcionamento e da manutenção das relações de poder, pois para Foucault (2006, p. 253) o “poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação [...]”. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Ainda, de acordo com Silva (1998), nesse jogo cíclico, o poder define como processamos e entendemos as representações, sendo estas responsáveis pela produção de identidades culturais, que por fim reforçam as relações de poder.

Com as transformações dos valores morais e das identidades, a sociedade pós-moderna enfrenta o crescimento descontrolado da violência, seja ela física, psicológica ou simbólica. Minayo (2013) caracteriza a violência como um fenômeno constituído através de mecanismos de repressão perpetrados por anos pelas mais diversas sociedades, isto é, para entendê-la necessita-se que o pesquisador lance mão de um aparato sociológico que leve em consideração os aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos.

Desta forma, a violência se faz presente nos mais diversos níveis sociais, contudo, determinados grupos encontram-se em posições de maior vulnerabilidade, visto que “uma das causas centrais da violência na contemporaneidade é a negação da diferença. O não reconhecimento do outro como pessoa” (MAGALHÃES; SOUZA, 2011, p. 54). Entre estes grupos em estado de maior vulnerabilidade encontram-se lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, denominado de grupo ou população LGBTT.

Nesse sentido, torna-se necessário pensar tais vivências como produto da história e da educação em nossa sociedade. Segundo Louro (2015, p. 16), a maneira como os gêneros “se representam ou são representados, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder”. Vale ressaltar, todavia, que “combater as hierarquias de gênero não significa apagar todas as diferenças (...), mas garantir que tais variações não sejam usadas para se estabelecer relações de poder, hierarquia, violências e injustiças” (LINS, MACHADO, ESCOURA, 2016, p.24)

Os atos de violência contra as pessoas LGBTT's são cotidianamente alternados em formas físicas ou simbólicas. Enquanto as primeiras deixam marcas na pele ou até mesmo cerceiam o direito a vida dos integrantes desse nicho social, a segunda tem como objetivo difundir a idéia segregacionista, privando este grupo dos direitos civis garantidos por leis, colocando-os em níveis de inferioridade e subalternidade (BOURDIEU; PASSERON,1975).

O gene da violência simbólica se encontra na difusão dos mais variados símbolos e signos, haja vista que, “a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atuação do enunciado” (BRAIT, 1997, p.97). A estes fatos estariam atrelados à autoridade de determinadas pessoas que proferem estes símbolos e signos, tanto em grupos restritos como na rede mundial de computadores – *internet* (BOURDIEU, 1989).

Tais fenômenos são aplicados a comunidade LGBTT pela dissonância em relação à construção dos valores morais, sociais e éticos, historicamente construídos, socialmente engendrados e politicamente compartilhados em uma sociedade heteronormativa que ainda não compreende a necessidade da discussão das identidades de gênero e diversidade cultural. Nesse sentido, a reprodução da violência a esta

população se justifica “uma vez que sua orientação sexual e identidade de gênero põe em xeque os estereótipos de gênero tradicionais e a heteronormatividade”, o que contribui para que estes sejam “colocadas em situação de vulnerabilidade e desvantagem em relação a direitos” (LINS, MACHADO, ESCOURA, 2016, p. 56).

Atualmente a violência contra os LGBTTT's ficou conhecida como homofobia, que pode ser definida em linhas gerais como uma forma de hostilização contra pessoas que sentem desejos por pessoas do mesmo sexo. “Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel determinado para seu sexo biológico” (BORRILLO, 2001. p. 17).

Mídias sociais: *facebook*

As tecnologias, a comunicação e as emergentes relações de sociabilidade certamente não são as únicas, mas, sem dúvida, as mais visíveis características do nosso tempo. As redes sociais digitais despertaram uma sequência de novos fenômenos nas modalidades de comunicação e interação entre as pessoas e as informações que são propagadas, adaptadas e configuradas para seus receptores. Contudo, os novos mecanismos de comunicação não deixaram de atuar e constituir-se como ambiente de trocas e mediação social. A mídia, segundo Thompson, é constituída através de seu poder simbólico, caracterizada pela “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 24).

Através das concepções de Bauman (2005), quando afirma que os acontecimentos no mundo contemporâneo se tornaram transitórios, fluídos e nômades, podemos utilizar as idéias de Thompson (1998) em relação ao poder simbólico da mídia para caracterizar a pluralidade dos arranjos das mídias sociais pós-modernas. (Re)significando estas palavras, esta nova conjuntura é marcada pela otimização de interações propiciadas pelas mídias sociais, as quais Sodré denomina de tecnocultura, caracterizada pelo consumismo, individualismo e surtos homofóbicos, xenofóbicos, misóginos e racistas.

Uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Implica, portanto, um novo

tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com o que se tem convencionalmente designado como verdade, ou seja, uma outra condição antropológica. (SODRÉ, 2010, p. 27).

Torna-se necessário evidenciar que as novas relações de sociabilidade propagadas no mundo digital carregam, segundo Trivinho (2007), “uma experiência antropológica típica”. Uma vez que, a interação entre sujeito x sujeito e sujeito x informação tem a pretensão, segundo o autor, de tentar reproduzir as características sociais do sujeito em nível universal. Trivinho utiliza a denominação “glocal” para afirmar tal fenômeno:

[...] nem exclusivamente global, nem inteiramente local, misto de ambos sem se reduzir a tais –, tendência midiática de magnitude ainda pouco apreendida e investigada, que sintetiza e, ao mesmo tempo, ultrapassa as suas duas bases constitutivas, assim como os seus respectivos derivados, a globalização ou o globalismo (econômico ou cultural) e os regionalismos ou localismos. A contar por seu caráter intrinsecamente transnacional, trata-se de um processo civilizatório que arruína, em essência, o conceito de sociedade, tradicionalmente recortado por fronteiras específicas. (TRIVINHO, 2007, p. 20).

Neste contexto de “glocal”, que os indivíduos produzem formas de discursos que perpassam a boa convivência nas redes sociais ocasionando uma relação discrepante entre comportamento virtual e o comportamento além da tela.

Gonzales (2014) defende que no caso do *Facebook*, pode-se afirmar que os indivíduos que criam um perfil não têm a intenção de constituir um novo sujeito, mas um processo de construção de *login* e senha que possibilitam o contato com um ambiente que dispõe de recursos visuais, escritos e audiovisuais que podem estruturar tanto novas formas de discursos, baseadas nas características morais do sujeito, quanto uma postura em dissonância com aquele que ele pratica em sociedade.

Portanto, são nas entrelinhas e nos desvios de condutas que surgem os discursos de ódio propagados e compartilhados no *Facebook*, pois os usuários que praticam tais atos acreditam que estão protegidos pelo anonimato que supostamente a *Web* oferece. Baseados na suposta “invisibilidade online”, usuários denominados no universo das redes sociais como *haters* promovem ataques pessoais a pessoas comuns e a personalidades que se destacam na sociedade, mas principalmente, as pessoas que se encaixam em grupos de maior vulnerabilidade. Nas palavras de Brugger (2007, p. 118)

“[...] o discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”. Isto é, a violência simbólica que acontecia no mundo real acompanhou as mudanças tecnológicas e se adaptou perfeitamente ao mundo das redes sociais continuando o trabalho de opressão, segregação e violência.

A página Orgulho de Ser hetero

A rede social *Facebook* foi criada em 2004 por David Zuckerberg, acidentalmente, depois que ele invadiu os computadores da Universidade de Harvard em busca de fotos das estudantes. Depois de uma punição de seis meses, ele aperfeiçoou e implementou a rede, tal como a conhecemos hoje. Não deixa de ser irônico que a rede tenha surgido a partir de uma ação invasiva em torno da intimidade de pessoas. Não deixa também de ser irônico o fato de que a vontade de um só em controlar informações e dados para seu próprio benefício tenha resultado na criação de uma rede tão poderosa que permita acesso a toda sorte de mecanismos invasivos, controladores e também segregadores. Em um primeiro momento, a rede serviu aos estudantes das universidades americanas, aparentemente sem chances de se tornar o que se tornou. Só aos poucos é que o acesso foi sendo liberado para universidades de outros países, até que, em 2006, foi aberta ao público em geral. Os dados deste imenso panóptico são sintomáticos. A quantidade de acessos e de novos usuários no site só cresce (ALVES e MOURA, 2016).

De acordo com matéria publicada pela *site G1.com*, em abril de 2016,

O Facebook anunciou nessa quarta-feira (27) que a rede social é acessada por um bilhão de usuários de todo o mundo todos os dias. Os dados são referentes ao primeiro trimestre de 2016 e constam do balanço financeiro da empresa, que também apontam o número de adeptos de outros aplicativos, como os serviços de bate-papo WhatsApp e Messenger, além da rede social de fotos Instagram. O número de usuários diários do Facebook aumentou 16%, com a adesão das pessoas aos aparelhos móveis. No ano passado, a rede social comemorou ter conectado mais de bilhão de usuários em um

único dia, mas somente neste trimestre esse nível de acesso foi constante (G1, 2014).³

O *Facebook* oferta uma grande variedade de ferramentas para os usuários. Dentre as mais acessadas, destacam-se a postagem de vídeos, fotos, textos e também um perfil mais eficiente permitindo inserir informações mais detalhadas. A rede ainda possui ferramentas para criar páginas para artistas, músicas, bandas, pensadores, humor e pensamentos próprios.

A página *Orgulho de ser Hetero* tem mais de 457 mil curtidas, em outubro de 2016, além de crescimento constante de novos seguidores e *likes*. De forma que, se constitui como uma das principais páginas do *Facebook* no Brasil. Esses usuários, por consequência, são aqueles que curtem e comentam a *fanpage* para receber as informações disseminadas pela mesma *Timeline*.

Figura 1: Dados retirados da página



³ Utiliza-se neste trabalho os dados de um jornal, pois a notícia foi divulgada por David Zuckerberg em sua página no Facebook. Posteriormente, os dados serão lançados em forma de relatório anual.

Entretanto, não é preocupante o crescimento no número de seguidores de determinada página na rede social, mas o discurso de ódio que tal recurso propaga e seus níveis de alcance, pois ao falar sobre o poder Foucault (2006) evidencia que em determinada sociedade o problema não se encontra no sujeito falante, mas nas formas que o discurso encontra, no interior do sistema, para se estabilizar e garantir a eficiência e a perpetuação de suas verdades.

Através do *Facebook*, a página *Orgulho de ser Hetero*, cujo objetivo torna-se claro no próprio enunciado, tem a função de reafirmar e impor o padrão de uma sociedade baseada na heteronormatividade, em que homossexuais e mulheres têm papéis definidos às margens da sociedade. Para alcançar este objetivo a página difunde imagens e fotos-montagens de ideias e valores que contribuem para a criação e manutenção do ódio aos grupos historicamente marginalizados.

Recuero (2012), em consonância com Foucault, fomenta uma análise contemporânea do poder das redes sociais dentro da sociedade, visto que, segundo a autora, as mídias digitais possibilitam a conexão com diferentes usuários em tempo real. Nesse sentido, as mensagens publicadas são difundidas, compartilhadas e replicadas pelos demais usuários, gerando um discurso que ganha poder dentro do sistema real e virtual e, muitas vezes, transcendendo os limites eticamente aceitos.

Figura 2: Imagem publicada na página *Orgulho de ser Hetero*, contendo mensagem homofóbica



Na figura 2, pode-se observar uma tentativa de reafirmação de práticas homofóbicas, através da valorização de comportamentos normatizadores. Acompanhada do texto “*Fontes me disseram que o Jean Wyllys odeia essa foto*”, e posteriormente “*vamos fazer viralizar*”, tal postagem demonstra a vontade de desagradar e agredir o outro com algo que, supostamente, lhe cause desconforto. Além disso, tal tentativa incita conflitos sociais e atos de violência dentro de um Estado Democrático de Direito como o Brasil, haja vista que, “esse discurso de ódio pode encontrar ressonância. E uma vez que encontre, ele é legitimado por outros grupos, seja através de concordância, apoio, curtidas, compartilhamentos etc” (RECUERO, 2014, p.18). Entretanto, não se trata apenas de um problema na rede mundial de computadores. Ainda de acordo com esta autora, esta postura colabora para a manutenção e o crescimento do preconceito nas relações sociais, de modo que, o discurso torna-se mais aceito e seu enunciador, mais certo de que aquilo é verdadeiro.

A postagem deixa explícito que, para os administradores desta página, o comportamento socialmente aceito e, por consequência, mais valorizado é o do homem másculo, sério, sem traços afeminados, ou seja, o do macho-alfa. Segundo Lins et al (2016), reproduzir identidades, estereótipos, normas ou expectativas, naturaliza o que entendemos como os papéis sociais masculinos e femininos, colaborando com a construção de uma única forma de entender e aceitar o ser homem e ser mulher.

Ao utilizar da imagem de dois políticos tão populares em seus nichos sociais, a página incita uma dualidade entre homens heterossexuais e homens homossexuais, hipervalorizando o primeiro em detrimento do segundo, desrespeitando a diversidade sexual e a existência de milhares de pessoas que não seguem o padrão “macho, discreto e opressor”. Entretanto, parece que foge do conhecimento dos autores da postagem que, para a parte mais combativa da comunidade LGBTT, “dar pinta”, “fazer close” e “colocar a cara no sol” é a forma encontrada para resistir às opressões diárias (ALVES, 2015). Ser afeminado, para os ativistas, é diversificar a sociedade, resistir e mostrar que os homossexuais existem em suas variedades, sejam elas mais másculas ou mais afeminadas, porquanto a diferença é uma das estruturas que fundamentam a existência humana.

Figura 3: Imagem publicada na página *Orgulho de ser Hetero*



Em outras postagens, como exemplificada na Figura 3, os idealizadores da página acreditam e divulgam comportamentos padrão para uma sociedade que julgam de excelência. Todavia, sem comprometimento com os demais grupos que coexistem nesta sociedade e que representam as minorias sociais, não se encaixando dentro do padrão estipulado e estimulado pela página. De acordo com Lins (2016, p. 70-71)

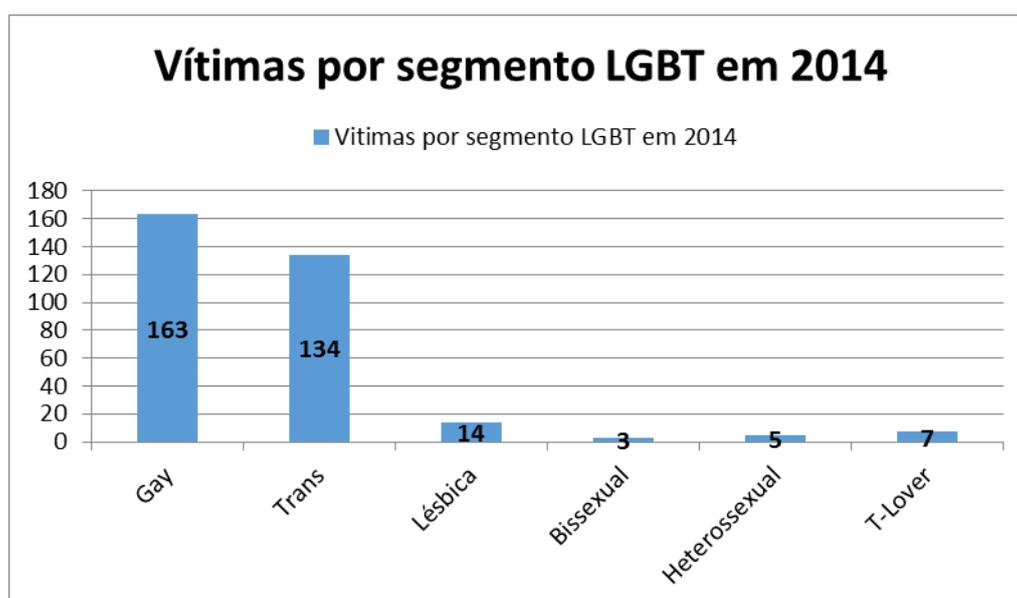
A intolerância às diferentes possibilidades de ser homem ou mulher, em nossa cultura, é o que leva ao estado de violência com o qual a população de pessoas LGBT convive diariamente. A cada assassinato cometido (foram 326 apenas em 2014), a cada piada feita para rebaixa-la a cada vez que um/a transexual ou homossexual abandona a escola por não se sentir seguro/a nesse ambiente, estamos negando a possibilidade e o direito de existência digna a essa população.

Logo, é necessário que pensemos “o reconhecimento das sexualidades como possibilidades que somente podem ser percebidas quando existem permissões culturais para manifestação da diversidade” (TORRES, 2013, p. 9). Nesse sentido, cerceando a manifestação desta diversidade afetiva e sexual, produzimos violência, fenômeno este que esta diretamente associada a manutenção do poder (LINS, MACHADO, ESCOURA, 2016).

A postagem remonta a valorização dos aspectos religiosos e tradicionais do Brasil, contudo, ignora os fatos históricos que apontam para uma política religiosa excludente e elitista que foi propagada pela Igreja Católica no Brasil através do Tribunal do Santo Ofício, com respaldo da Coroa Portuguesa (MOTT, 1995; LIMA 1986). Nesse sentido, a ideia que o sexo entre pessoas do mesmo sexo constitui desvio, pecado ou outro problema similar, enquanto a relação sexual e afetiva entre pessoas do sexo oposto é natural está presente no mito fundador cristão e nas origens do pensamento ocidental (MOTT, 2001). No Brasil, a política e a cultura arraigada em postulados cristãos e valores ultraconservadores faz com que o país continue sendo o campeão mundial de crimes motivados pela homo/transfobia: segundo agências internacionais, 50% dos assassinatos de transexuais no ano passado foram cometidos em terras brasileiras.

Segundo o Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil, fornecido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), organizado pelo antropólogo Luiz Mott e fornecido para as agências internacionais, 326 LGBT's foram morto no Brasil em 2014, isto é, um a cada 27 horas. O dado ainda representa um aumento de 3,4% em relação a 2013, onde foram mortos 313. O relatório evidência ainda que 5 heterossexuais foram mortos, confundidos com homossexuais.

Figura 4: Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil -Grupo Gay da Bahia (GGB)



Entretanto, segundo Foucault (1999, p. 91) “onde há poder há resistência”, ou seja, para o historiador das proibições, o poder é uma relação de forças que se encontra presente e em constante movimento dentro do sistema social e, independentemente da esfera em que o indivíduo atua, essa relação de forças gera conflitos e resistências. Portanto, a resistência para Foucault, é parte da constituição do poder, configurando-se como o grito daqueles que não concordam com os caminhos pelo qual o poder percorre.

Desta forma, a página *Orgulho de Ser Hetero* opera dentro do sistema de poder teorizado por Foucault (1999), visto que, atuando como um mecanismo de opressão, onde o poder incessantemente se manifesta, a resistência é a alternativa legítima e o contraponto ideal para o poder. A esta luta Foucault denomina de *microfísica do poder*. De maneira que, a comunidade virtual recebe diversas críticas diárias pelas suas posturas mediante as postagens misóginas e homofóbicas. Grupos que não se identificam com as ideias dos administradores, como as feministas, o movimento negro e a população LGBTT, reagem contra a opressão virtual. Entre as inúmeras críticas uma usuária refuta:

“Pode ser tudo isso aí, só não seja chato e respeite os que não são.”

Em resposta ao *post* (postagem) normativo, uma segunda usuária complementa afirmando que:

“Eu sou lésbica, atéia, a favor da legalização das drogas e do aborto, contra armas e renovadorista. Quem está irritado agora? Você pode ser o que quiser, desde que não seja chato [...]”

Este tipo de comportamento ocorre, pois segundo Gregolin (2008, p. 33) os sujeitos são constituídos com bases morais e comportamentais diferentes, por isso a luta de interesses, defesas e ataques sobre determinado ponto de vista. A analista de discurso recorre a Foucault para evidenciar que, em um sistema onde o poder encontra-se desintegrado, a resistência e a luta pelo controle do discurso verdadeiro são constantes e intermináveis, pois faz parte da sociedade e dos indivíduos galgarem o poder, o controle e a dominação sobre os outros sujeitos.

Deste modo, a postura de resistência é tratada como efeito produzido pelo poder, pelo discurso e como algo em constante construção e transformação, visto que se inscreve na história, na sociedade e na política. O indivíduo é o produto das microlutas cotidianas, internas e externas, que se realizam por meio da linguagem, dos signos, da postura e dos valores morais.

Considerações finais

A rede mundial de computadores atualmente atua como facilitadora na difusão e no acesso as informações, constituindo-se como importante ferramenta que permite aos seus usuários livre acesso às informações e possibilidade de oferecer suas opiniões, exercendo, portanto, o seu direito a liberdade de livre pensamento. Entretanto, quando os pensamentos livremente manifestados têm como objetivo desqualificar a dignidade humana, menosprezar e ofender uma pessoa ou um grupo, tal manifestação deixa de se constituir um direito garantido constitucionalmente, tornando-se um crime.

Em suma, a sexualidade, desde a Idade Média, é utilizada para a manutenção da ordem, da submissão e da marginalidade. Com o surgimento da internet, no final do século passado, tal comportamento foi transferido para a rede mundial de computadores e, considerando que seus praticantes acreditam que as redes sociais garantem o anonimato, usam o *Facebook* como “ferramenta de violência simbólica, onde o discurso reproduzido é capaz de perpetuar o estigma social e dar-lhe novos contornos” (RECUERO; SOARES, 2013, p. 239). Tornando-se, portanto, um fruto das relações constituídas historicamente no mundo real e físico, mas que, com as tecnologias, foram adaptadas ao mundo virtual. Entretanto, como afirma Alves e Moura (2016) o *Facebook* é um panóptico moderno, onde o poder frequentemente é atribuído e exercitado. Desta forma, nada passa despercebido, nada pode ser escondido, pois tudo é vigiado, medido, pesado e repreendido.

Conforme ressalta Louro (2015, p. 31), “as instituições e os indivíduos precisam [...] da identidade subjugada para se afirmar e para se definir, pois sua afirmação se dá na medida em que a contrariam e a rejeitam”. No caso dos discursos de ódio exemplificados nesta análise, observou-se que os danos podem ultrapassar as violências simbólicas, haja vista que, ao inferiorizar as condições humanas de mulheres,

homossexuais e pessoas que fogem do padrão estipulado pela página, os direitos mais básicos são violados, podendo tal discurso acarretar, ainda, problemas sociais como a intolerância e a segregação. Em conformidade com o referencial teórico utilizado neste estudo, a análise da página *Orgulho de Ser Hetero*, reafirma a existência de discursos de ódio, uma vez que, as postagens tem o claro interesse de criar um sentimento de normalidade sem levar em conta a multiplicidade do uno e a unidade do múltiplo de uma sociedade democrática, que tem como objetivo a produção de direito e o respeito às minorias.

Referências

ALVES, C.J.L. A homossexualidade nas páginas do Lâmpião da Esquina. **Pergaminho: Revista discente de Estudos Históricos**, v. 6, p. 39-47, 2015.

ALVES, C.J.L; MOURA, S.A. Facebook como panóptico moderno: Como a vontade de controle emana do indivíduo. In **Encontro virtual de documentação em software livre e congresso internacional de linguagem e tecnologia online**.V.5,n.1.2016. Belo Horizonte. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/10485/9417

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BORRILLO, D. **Homofobia**. Barcelona, Bellaterra, 2001.

BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. Trad. Maria Angela Jardim de Santa Cruz Oliveira. **Revista de direito público**, v. 15 n. 117, jan./mar. 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. 2 ed. Manoel B. da Motta (Org.) e Tradução Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos IV – estratégia, poder-saber**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GREGOLIN, M. R. F. V. Identidade: objeto ainda não identificado? In: **Estudos da língua(gem)** (Impresso), v. 4, p. 23-36, 2008.

G1.COM. Facebook atinge marca de 1 bilhão de usuários todos os dias <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html>> Acesso em: 23/10/2016.

GRUPO GAY DA BAHIA. Assassinato de homossexuais (lgbt) no Brasil: relatório 2014. <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>> Acesso em: 23/10/2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, L.L.G. Aprisionando o desejo: confissão e sexualidade. In: VAINFAS, R. (org.). **História e sexualidade no Brasil.** Rio de Janeiro : Graal., 1986.

LINS, B.A; MACHADO, B.F; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais:** a questão de gênero na escola .São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, G.L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G.L. (Org.); WEEKS, J.; BRITZMAN, D.; HOOKS, B.; PARKER, R.; BUTLER, J.; **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

MOTT, L. **O sexo proibido:** gays, virgens e escravos nas garras da Inquisição. Campinas: Papirus, 1995.

MOTT, L. A revolução homossexual: o poder de um mito”. **Revista da USP**, n. 49 (Dossiê Política & Participação), p. 40-59, 2001.

MINAYO, M.C.S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: NJAINE, K.; ASSIS, S.G.; CONSTANTINO, P. (Org). **Impactos da violência na saúde.** Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

MAGALHÃES, J.L.Q; SOUZA, T.R. Violência e modernidade. In: ROSÁRIO,A. B; KYRILLOS NETO, F; MOREIRA, J. O (Org.). **Faces da violência na contemporaneidade:** sociedade e clínica. Barbacena: EdUEMG, 2011.

RECUERO, R.; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook:** o caso da fanpage “Diva Depressão”. *Galaxia*, n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

RECUERO, R. **A questão do ódio nos sites de rede social.** Raquel Recuero.com. Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2014/10/a-questao-do-odio-nos-sites-de-rede-social.html>> Acesso em: 03-12-2015.

SILVA, T.T. **A poética e a política do currículo como representação.** Trabalho apresentado no GT Currículo na 21ª Reunião Anual da ANPEd, 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/xZoCi4>>. Acessado em: 19 de setembro de 2016.

SODRÉ, M **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TORRES, M A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, Ouro Preto, MG, UFOP, 2013.

TRIVINHO, E. **A democracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.